



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA – CIA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA  
CURSO DE LETRAS**

**IVANILSON FIDELIS DOS SANTOS**

**O ESTUDO DA TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVA  
ARGUMENTATIVA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2015.**

**IVANILSON FIDELIS DOS SANTOS**

**O ESTUDO DA TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVA  
ARGUMENTATIVA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Ivanilson Fidelis dos  
O estudo da tipologia textual dissertativa argumentativa no estágio supervisionado [manuscrito] / Ivanilson Fidelis dos Santos. - 2015.  
18 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.  
"Orientação: Profa. Ma. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Departamento de Letras e Artes".

1. Estágio Supervisionado 2. Prática de Ensino 3. Ensino de Língua Portuguesa 4. Gênero Textual 5. Tipologia Textual I.  
Título. 21. ed. CDD 371.225

IVANILSON FIDELIS DOS SANTOS

**O ESTUDO DA TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVA  
ARGUMENTATIVA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação da Profª. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

Amasile Coelho L.C. Sousa 9,0  
Profª. Ms Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa – UEPB  
(Orientadora)

Francisca Eduardo Pinheiro 9,0  
Profª. Ms Francisca Eduardo Pinheiro. – UEPB  
(Avaliadora 1)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves 9,0  
Prof. Drª. Ana Lúcia Maria de Souza Neves – UEPB  
(Avaliadora 2)

**CAMPINA GRANDE – PB  
2015**

**Aos meus pais e minha avó, pelo espelho de dedicação e força**

**e pela base de confiança e amor.**

**DEDICO...**

## AGRADECIMENTOS

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e  
que eu não esqueça nenhuma das suas  
bênçãos!” Salmos [103:2.]

Quatro anos se passaram de forma tão rápida que mal pude perceber, mas durante está temporada pude contemplar o quão importante foi este período de conhecimentos e de aprendizados. Quantas das vezes pensei que não alcançaria realizar este sonho, que não conquistaria, que a barreira seria intransponível, mas Deus me tomava pela mão direita e dizia: “não temas”! Muitos foram os dias de solidão, de tristezas, angustias numa terra longínqua, mas o Senhor me guardava, iluminava e guiava-me por todos os lugares aonde quer que eu fosse.

Primeiramente agradeço a Deus, por renovar a cada momento as minhas forças e disposições e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada.

À minha família que esteve sempre me apoiando e ajudando-me como podia. Em especial aos meus pais, avós, tia e irmãos que sempre estiveram dando sua contribuição para que isto pudesse acontecer.

À minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Ms. Amasile Coelho, por ter acreditado em mim; que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimento e experiências e que sempre me motivou.

Agradeço a banca avaliadora nas pessoas de Francisca Eduardo Pinheiro e Ana Lucia M<sup>a</sup> de Souza Neves que contribuíram para minha formação e que estas irão ser lembradas sempre.

A minha amiga Maria Aparecida Dias, por sempre ter me ajudado e sempre ter contribuído para este momento tão especial.

As minhas amigas de classe, “Família UEPB” nas pessoas de Ana Raquel Macêdo, Edivanda Clementino, Monalisa Pontes, Melry Ruth, Jéssica Samantha, Jessica Rocha, Alcina Simplício, Nariany Darly e Carlas Tamires a quem pude aprender a amar, a respeitar e construir laços eternos.

Aos meus amigos, em especial a Januário Nóbriga, que sempre acreditaram na minha pessoa, que muitas das vezes apoiaram e deram-me aquela força para que tudo seguisse firme.

Por fim obrigado a todos que, mesmo não estando citados aqui, tanto contribuíram para a conclusão desta etapa.

**A todos que acreditaram em mim, muito obrigado.**

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin

## **O ESTUDO DA TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVA ARGUMENTATIVA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Ivanilson Fidelis dos Santos-UEPB<sup>1</sup>  
[ivan-fidelis@hotmail.com](mailto:ivan-fidelis@hotmail.com)

### **Resumo:**

O presente artigo objetiva apresentar uma reflexão da crítica a experiência obtida no componente curricular Estágio Supervisionado IV da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) a fim de refletir sobre a importância da prática ensino e as implicações do estágio no contexto de sala de aula bem como sobre a problemática existente no que se refere aos conceitos de tipologia e gênero textual trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Neste intuito, nossa prática didática foi realizada na turma do 3º ano “B” da E. E. E. F. M. Álvaro Gaudêncio de Queiroz, na cidade de Campina Grande-PB no ano de 2014. Para fundamentar as argumentações aqui postas, nos apoiamos nas contribuições teóricas desenvolvidas por SILVA (2012) BEZERRA (2012), ROMERO (2007), PCNEM (2000), dentre outros.

**Palavras-chave:** Língua. Prática didática. Gênero textual. Tipologia textual.

### **1- INTRODUÇÃO**

O Estágio Supervisionado IV, estágio de intervenção, é um componente obrigatório do Curso de Letras – Língua Portuguesa, com carga horária de 105 horas cuja ementa inclui aulas teóricas e práticas de ensino de língua e literatura. Este componente é direcionado à experiência do aluno/docente em sala de aula.

O relato que se segue descreve a nossa experiência enquanto alunos/docentes no período 2014.2 em uma turma do 3º ano do Ensino Médio. Na oportunidade, tentamos aplicar o que foi

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras.

apreendido durante as aulas teóricas na universidade, no que se refere à metodologia de ensino, estratégias de leitura e escrita e de produção textual.

Nesta perspectiva, o estágio tinha como objetivo principal aplicar os conhecimentos por nós adquiridos nas disciplinas estudadas durante os períodos do curso, bem como fazer o confronto com a prática pedagógica propriamente dita, isto é, “tirar do papel” e pôr na prática. Buscando firmar uma prática que seja significativa e aproveitadora não só para o professor, mas também para o aluno que é indivíduo ao qual priorizamos na universidade.

Neste sentido, analisaremos a partir de uma leitura sócio interacionista e do processo de ensino aprendizagem os resultados advindos de práticas de leitura e escrita. De forma que podemos perceber como se dá esses processos, como é a recepção do aluno perante as aulas de leitura, escrita e produção textual. A partir desse pressuposto, procuramos implantar de certa forma um direcionamento a (s) práticas) pedagógica (s) como uma ação sustentada em fundamentos que englobem uma linha de ensino que seja reflexivo, interacionista e heterogêneo aos alunos.

O estágio supervisionado IV foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Álvaro Gaudêncio de Queiroz, sediada no Bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande-PB.

As aulas de estágio eram ministradas no turno diurno, mais especificamente às quintas – feiras. O cronograma de aulas teve início no dia 09 de outubro do corrente ano e término no dia 21 de novembro de 2014 com carga horária semanal de 2 horas aulas.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os problemas relacionados ao ensino de leitura e produção textual em sala de aula são fatos conhecidos por toda sociedade escolar, confirmando-se com o mal desempenho de muitos alunos nos vestibulares e concursos. As causas podem ser atribuídas a diferentes fatores como: má formação e negligência por parte de alguns professores em relação ao ensino da língua materna, a falta de interesse por parte dos alunos, o descaso em relação à educação e muitos outros fatores sociais e estruturais que envolvem a escola. Conforme sinaliza Mello (2008, p. 88 *apud* SILVA, 2012, p. 145):

Enquanto a atividade prática requer uma atuação sobre a realidade, que tem por pressuposto a modificação desta, a atividade teórica incide nas nossas ideias sobre os fatos, na transformação de nossa consciência sobre as coisas, mas essa transformação da consciência, que ocorre na dimensão teórica, é necessária para se operar mudanças na dimensão prática.

Neste ínterim, podemos observar que o objetivo do ensino dentre os demais deve ser a construção de personalidades morais autônomas e críticas que buscam o exercício prático da cidadania, ou seja, o exercício prático de suas ações enquanto professor atuante em sala de aula. Sendo assim (SILVA 2012, p. 148) afirma que “a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, vivenciada na escola [...] precisa ser estimulada na formação do aluno-mestre”.

Muitas escolas em seus projetos político-pedagógicos elucidam que seu objetivo primeiro é levar seus alunos a desenvolver princípios de democracia, mas na verdadeira prática observada em muitas escolas, e especificamente salas de aula, a realidade concreta é bem diferente, a escola muitas vezes está mais preocupada em transmitir conteúdos científicos acumulados, parece-nos que sua maior intenção é ensinar conteúdos repletos de regras e nomenclaturas completamente descontextualizadas e dissociadas da realidade dos alunos. Sobre isso, Bezerra (2013, p. 38 *apud* GERALDI 1993) ressalta que: “as gramáticas (normativas ou descritivas) do estudo de língua, apenas acrescentaram novas fontes de reflexão linguística, visto que a reflexão gramatical foi considerada insuficiente para atender à descrição linguístico-textual e discursiva”. Ainda sobre o enfoque gramatical dado nas escolas, Silva (2012, p. 154) enfatiza que: “o uso não legitimado da língua portuguesa evidencia uma inovação no ensino de língua materna, o qual por tradição, é marcado pelo trabalho escolar sistematizado com textos exemplares da norma culta da língua”

Uma sugestão discutida por muitos teóricos de língua é que o professor que se destina a dar aula de língua para falantes nativos dessa língua, deve prioritariamente desenvolver em seu aluno a competência comunicativa, ou seja, a capacidade deste usuário de utilizar a língua de maneira adequada, e em diversas situações de comunicação, essa língua da qual faz uso constantemente. Nesta perspectiva, Soares (2007, p.2) afirma que o letramento é um possível viés para alcançar o êxito nas práticas de leitura e escrita:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo

alfabetizado, não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escrita e responder às demandas sociais de leitura e de escrita

Vale frisar que o problema de ensino da língua materna existe não só nas escolas de ensino médio ou fundamental, mas também ocorre até mesmo em universidades ou em *campus* que desenvolvem o ensino de língua ou qualquer outra instituição de ensino.

Ao que convém, o letramento ainda parece não ser a meta estipulada pelas escolas, no âmbito da leitura, na maioria das vezes ainda prevalece a leitura descontextualizada da realidade dos alunos, servindo apenas para tarefa escolar destinada para controle, avaliação e atribuição de uma nota por parte do professor perante seus alunos, uma leitura totalmente sem atrativos e sem objetivos definidos.

A produção textual também não está distante dessa realidade, o aluno é solicitado a produzir muitas vezes sem os instrumentos necessários para essa produção, isto é, sem a familiarização com o tipo ou gênero textual, material de apoio dentre outros. Sendo que nesse caso os textos, na maioria das situações serve apenas para atribuição de uma nota. Na verdade, o exercício da escrita deveria ser projetado para a produção escrita de um gênero textual.

Assim sendo, devemos considerar que um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola e especificamente pelo professor é o de fazer com que os alunos aprendam a ler e a produzir um gênero textual, de maneira prazerosa e significativa considerando que no ensino médio é salutar a inserção desses alunos no contexto de textos dissertativos argumentativos.

A concepção de ensino adotada por vários professores ainda está baseada numa forma tradicional ligada apenas ao ensino da gramática fora de um contexto significativo de uso da língua e a leitura de trechos de textos. Como é apresentado no PCNEM (2000), a questão não é abolir o ensino de gramática, o problema reside na forma como ela é ensinada. Essa concepção tecnicista utilizada em sala de aula pode estar associada a uma formação sem articulação dos professores, assim sendo não conseguem desenvolver um modelo reflexivo para que possa avaliar sua própria prática de ensino.

Em oposição a essa concepção de ensino da língua desenvolvida por muitos educadores busca-se uma formação do professor reflexivo para que esse possa se desvincular desse ensino sem objetivos determinados, deixando de ser um profissional que apenas segue regras e tornar-se o responsável pela sua ação, ou seja, que reflita visando à construção de novos significados para sua prática. Desta forma, Celani (2000, p. 25 *apud* ROMERO, 2007, p. 402) informa que; “o

processo reflexivo relacionado a linguagem, seu papel e sua construção sociais deve acompanhar a formação do graduando desde o início”. Sendo, portanto, a formação marco primordial para um bom profissional, levando em consideração que este deve refletir sua construção enquanto indivíduo transformador/professor.

Com base no letramento, a nova proposta é propiciar na sala de aula, a leitura e a escrita de forma conjunta, dando ênfase aos aspectos socioculturais nos quais os educandos estão inseridos. Essa mudança contribuirá significativamente na constituição de uma nova perspectiva para o ensino de leitura e produção textual, fazendo com que essas atividades deixem de ser ‘objetos misteriosos’ e passem a ser vistos como processos de construção.

Sabe-se que o problema do ensino da leitura não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, ou seja, o ensino da leitura deve considerar a junção da concepção de leitura adotada, do papel desempenhado por esta, da metodologia utilizada pelo professor para o desenvolvimento de sua prática. Desse modo, podemos perceber que uma prática coerente de leitura envolve um conjunto de fatores relevantes e indispensáveis na estruturação efetiva e concreta dessa prática.

Da mesma forma, o trabalho com produção de textos deve mudar de foco, deixando de lado a concepção de que produzir é algo inato, um ‘dom’, algo pronto e acabado, deve deixar de ser um ajuste de contas tendo como função principal avaliar o aluno, este deve observar essa prática como parte de um processo de construção e reconstrução. Como consta no OCEM (2006), o modo de conceber o ensino de produção de texto considera que o aluno precisa de atividades contínuas e de familiarização com o conteúdo, no caso aqui posto a produção textual, para chegar à escrita mais elaborada de um texto.

Sendo assim, o ensino de Língua Portuguesa deve pautar-se em propostas interativas de uso da língua/linguagem, que consideram as vivências de cada aluno em particular e da sociedade em geral. Sob este raciocínio, um dos principais objetivos do ensino de língua materna é desenvolver as competências comunicativas dos alunos que significa adequar a língua às mais diversas situações de interação. É importante frisar que a concepção de língua/linguagem adotada pelo professor é que irá definir os caminhos a serem seguidos em sala de aula de modo a alcançar ou não tal objetivo.

Sob esta abordagem, fica evidente que ter em mente a concepção de linguagem como forma de interação no contexto de ensino/aprendizagem de língua materna significa promover

situações para que o aluno se torne progressivamente um usuário competente da sua própria língua. Adotamos tal concepção por entender que o ensino de língua portuguesa se pauta, sobretudo, na compreensão do funcionamento da língua em situações reais de comunicação, ou seja, o aluno precisa estar inserido em situação real da língua para entendê-la.

Para tanto, o trabalho com a leitura e interpretação de textos na sala de aula é de fundamental importância, pois o que se pode observar por parte dos alunos é a grande dificuldade que eles possuem em ler e interpretar os gêneros textuais que circulam na sociedade. Logo, faz-se necessário que o professor busque novas metodologias para desenvolver no aluno as habilidades de leitura e interpretação desde as séries iniciais para que ao final de sua vida escolar, ele possa estar preparado não só para o mercado de trabalho como também para as questões sociais que o cercam, uma vez que o ato de ler não se restringe apenas a decodificar palavras, mas lê significa interpretar e se posicionar criticamente no mundo e nas relações sociais.

A leitura não se resume apenas em atividades meramente linguísticas. Contudo, ela exige dos usuários da língua conhecimentos prévios de diferentes tipos, como por exemplo, conhecimentos enciclopédicos ou de mundo, conhecimentos textuais e também os conhecimentos linguísticos. Por isso, a leitura é uma atividade interativa, por exigir conhecimentos prévios que vão além do universo linguístico. Pois além do seu caráter interativo, a leitura e a interpretação de textos possuem um caráter interdisciplinar.

No contexto atual de algumas escolas, ainda podemos observar que o espaço destinado à leitura e escrita torna-se cada vez mais restrito à área de língua portuguesa, visto que, os professores de outras disciplinas as encaram como sendo um problema específico do professor de Português e se esquecem de que as outras disciplinas também exigem que o aluno saiba ler e interpretar e muitas das vezes produzir.

Contudo, a leitura, que capacita o indivíduo para a interpretação de textos, deve ser feita por todas as disciplinas, como trazem para que assim haja uma interação das práticas escolares com as práticas sociais. No tópico a seguir, descreveremos nossa experiência enquanto aluno/docente na turma do 3º ano “B” da Escola Álvaro Gaudêncio de Queiroz.

### **3. RELATO DAS AULAS MINISTRADAS**

Iniciando o primeiro dia de estágio de intervenção, o professor titular da turma do 3º ano “B”, realizou a apresentação dos estagiários aos alunos, expondo os objetivos pelos quais estávamos ali. Em seguida, começamos a ministrar a primeira aula, na qual trabalhamos “a tipologia textual dissertativa-argumentativa”, tipologia essa escolhida com o objetivo primordial para os alunos concluintes do ensino médio que iriam prestar o Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM.

Como se sabe, na prova de redação do ENEM não se exige a produção de um gênero textual, mas uma tipologia – dissertativa argumentativa. Assim sendo, os alunos precisariam de certa forma compreender como argumentar e “saber a estrutura do texto”. Logo, percebemos nessa exigência do ENEM uma dicotomia, visto que, a grande maioria dos teóricos de língua, pregam que os professores devem proporcionar condições aos alunos para a escrita de um gênero textual e não ensinar estrutura textual.

Neste ínterim, apresentamos aos discentes os contrapontos que existem na prova do ENEM, uma vez que esta solicita aos candidatos um texto com a tipologia textual mencionada. Sendo assim, introduzimos a tipologia discutindo sobre o papel da argumentação para o aluno diante a sociedade e ao meio escolar no qual ele convive. Para tanto, foi necessário mostrar a diferenciação entre gênero textual e tipologia textual.

Neste sentido, abrimos uma discussão em sala com a perspectiva de saber sobre a semelhança entre gênero e tipologia textual. Os alunos participaram efetivamente da discussão, e desta forma contribuíram para o andamento da aula, bem como para a aprendizagem. O professor, titular da turma, não poderia intervir na aula, mas após solicitar permissão, participou do debate e reforçou através de alguns pontos estruturais o que estava sendo ministrado por nós estagiários. Ao término da primeira aula, ou seja, do primeiro dia de estágio de intervenção consideramos uma aula proveitosa, haja vista os alunos terem participado, levantando questionamentos sobre o assunto abordado.

Ao retornamos a referida escola para o segundo dia de estágio de intervenção, realizamos uma retomada do que tinha sido ministrada na aula anterior para que assim situássemos os alunos e pudéssemos dar continuidade à aula do dia. Frisamos que a aula do dia nove (9), que tratava sobre gêneros textuais (ressaltamos que o foco não era o gênero, mas a tipologia, uma vez que era o assunto em estudo, mas como estávamos falando em produção é mister fazemos essa ressalva de que era necessário apresentar não muito detalhadamente a questão da diversidade de gêneros

textuais, mas apresentar a tipologia textual e situar o aluno nessa distinção e ao mesmo tempo explicar o porquê de se trabalhar esse conteúdo).

Após essa contextualização, adentramos no que tínhamos planejado. Como na última aula tínhamos referendado as semelhanças quanto ao que estávamos estudando, trouxemos um “ texto modelo”. Como trabalhávamos a redação para o ENEM achamos óbvio mostrar um texto dissertativo-argumentativo afim de que o aluno se familiarizasse com a tipologia.

O texto levado para a sala de aula foi: “A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA” (retirado do site: [http://econ.st/i6Gh5\\_](http://econ.st/i6Gh5_)). Diante disto, nossa metodologia foi levar o texto xerocopiado para ser entregue a todos os alunos. Solicitamos uma leitura individual e silenciosa, para em seguida socializarmos e atentarmos para as características de como é estruturado um texto dissertativo-argumentativo. Os alunos participaram da socialização fazendo comparações da realidade vivenciada em suas comunidades, bairros, bem como apresentaram questionamentos acerca da educação brasileira, isto é, o que tem “melhorado e o que ainda precisar melhorar”.

Passado esse momento de socialização, aplicamos um exercício de fixação do conhecimento, ou seja, um exercício de verificação ao que tinha sido discutido em sala. Esse exercício foi realizado em dupla. Como são apenas duas aulas não podemos realizar a correção em sala, ficando essa tarefa para a aula da semana seguinte.

Por motivos do período eleitoral não houve aula nesse dia (23.10), pois, a escola seria entregue à Justiça Eleitoral para as realizações das eleições governamentais 2014. Logo, o que havíamos planejado para esta aula ficou para ser aplicado na próxima aula que seria na semana seguinte.

Ao chegamos em sala na semana seguinte, de início realizamos uma explanação da aula passada, uma espécie de rememoração do que ministramos dias anteriores para só assim podermos adentrar no planejado para esta aula; iniciando, fizemos de forma socializada a correção da atividade que ficou da última aula. Feita a correção, o professor interveio na aula, solicitando que a mando da direção escolar, liberássemos os alunos a fim de que eles pudessem assistir a uma homenagem que a escola (corpo administrativo) juntamente com o alunado estaria prestando a um professor de geografia que havia falecido na segunda-feira (27 de outubro do corrente ano) vítima de acidente automobilístico. Desse modo, infelizmente nosso planejamento

para o dia não deu certo, pois a homenagem demorou bastante e não tivemos como voltar àquela turma naquela manhã.

No 5º encontro, iniciamos explicando a estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, a saber: introdução, desenvolvimento e conclusão, isto apresentado de forma bem específica tendo em vista que a proposta do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) exige essa tipologia e ainda por cima delimita a quantidade de linhas que devem ser utilizadas.

Nesta perspectiva, nos foi plausível trabalhar com esse enfoque, pois no domingo 11.11.14, os alunos iriam se deparar com esse tipo de texto e nada melhor do que familiarizá-los com essas estruturas textuais. Neste sentido, nossas aulas vão de contraponto ao que aprendemos sobre gêneros textuais, porém como já foi mencionada, a ocasião fez-nos fugir dos nossos preceitos.

Nesta aula fizemos uso de datashow para apresentarmos a tipologia textual – dissertativa argumentativa. Foi apresentado o que é argumentação, qual sua estrutura, como fazer uma redação, que palavras (verbos) usar para persuadir e convencer o leitor do texto e por último foi mostrada uma (s) redação (ões) produzidas por alunos de uma determinada escola, ressaltando que estas foram retiradas da internet, uma vez que são publicadas a cada ano as 10 melhores redações. Mostramos essa redação com o objetivo de verificarmos os “erros”, o convencimento do texto, se este alcançou o objetivo desejado e se persuadiu o leitor/ouvinte. Logo após este momento, entregamos um texto intitulado “A EDUCAÇÃO NO BRASIL SOB A ÓTICA DAS NECESSIDADES E POSSIBILIDADES” no qual os alunos fizeram uma leitura coletiva, em seguida uma socialização e por fim apresentamos 3 (três) propostas de redações para que os discentes escolhessem uma entre aquelas e redigissem uma primeira versão do seu texto, referente ao que foi escolhido. Essa fase intencionava a aplicação do que foi aprendido sobre noções de como argumentar. Decorrido o tempo, os alunos escolheram seus temas e fizeram a 1ª produção que foi entregue aos estagiários para que fosse ela corrigida.

No 6º encontro trouxemos as devidas redações corrigidas e assim, após entregarmos as mesmas a seus redatores, fizemos a análise dos “erros” que conseguimos encontrar nos devidos textos; vale lembrar que não identificamos as redações para não constrangermos os discentes (Grifo neste parágrafo, que atentamos mais para a questão de “inadequação gramatical”). Nesta correção apresentamos os erros linguísticos, as ideias soltas e incoerentes, a más colocações de conjunções dentre outros critérios linguísticos importantes.

Por fim, depois da análise coletiva, solicitamos aos alunos que reescrevessem seus textos, observando as anotações feitas por nós estagiários e acrescentassem o que conviesse a cada um em suas reescritas. Ressaltamos que as reescritas deveriam ser entregues novamente aos estagiários e esses iriam corrigi-las. Dessa forma, o professor solicitou essas redações reescritas para atribuir uma nota na avaliação do bimestre (aqui destacamos a produção como mero instrumento de atribuição de nota isso baseado nos preceitos de Silva 2012).

No dia 14 de novembro, iniciamos a aula cumprimentando a todos e como já tinham sido realizadas as provas do ENEM, decidimos discorrer sobre a proposta de redação do ENEM 2014, uma vez que os alunos fizeram o exame. Neste sentido, tivemos uma aula muito proveitosa, pois todos se engajaram em debater sobre a prova feita. Depois dessa discussão, fomos para a sala de vídeo onde iria ser realizado um momento de debate acerca das provas do ENEM envolvendo as disciplinas exigidas. Fizeram-se presentes os professores de PORTUGUÊS, HISTÓRIA, GEOGRAFIA, QUÍMICA, MATEMÁTICA, INGLÊS, BIOLÓGIA E FÍSICA. Nesta oportunidade, os alunos dos 3º anos tiveram a chance de ver o que acertaram e assim analisar a prova feita.

No dia 20 de novembro, discutimos sobre a palestra da aula anterior de forma que provocamos os alunos a discursarem sobre as provas e sobre a palestra. Após isso, fomos juntos aos alunos verificar o rascunho das redações feitas por eles e assim pudemos discorrer sobre quais pontos eles precisam melhorar para que nas próximas redações avancem nas estratégias a fim de convencer e persuadir o leitor do seu texto.

Na segunda aula desse dia, o professor solicitou que nesse momento deixasse para ele aplicar uma tarefa avaliativa com o objetivo de fazer o fechamento do III bimestre. Portanto, a nossa contribuição foi ajudar ao professor na aplicação dessa atividade e assim, nós pudemos assimilar como se deve comportar perante as aplicações de atividade de verificação da aprendizagem. Desse modo, tivemos a oportunidade de mediar essa tarefa que nos fez compreender a importância da orientação, da organização, da interação do aluno com o professor, uma vez que eles solicitam ajuda, como por exemplo, explicações acerca das questões que por hora não entenderam ou que ficaram meio confusas no seu enunciado.

No encontro do dia 21 de novembro, tivemos a oportunidade de entregar todos os trabalhos, produções textuais e algumas atividades de verificação do conhecimento, que estavam com os estagiários e aqueles que o professor tinha nos entregue para que pudessemos ajudá-los

nas correções das atividades. De antemão, sabemos que não poderíamos fazer isso, mas como nos foi solicitado, não nos negamos a tal solicitação. Para tanto, a orientação que nos foram sugeridas era que corrigíssemos as tarefas, levando em consideração os “erros ortográficos” e se eles foram coerentes nas respostas. Sendo que essas deveriam ser entregues na aula seguinte.

Por fim, realizamos um momento despedida, pois estávamos concluindo nosso estágio. Vale frisar que isso só ocorreu na segunda aula, no caso à última. Diante a tudo o que vivenciamos nesse período de estágio, chegamos à conclusão de que foi muito gratificante para cada um de nós, pois tivemos a oportunidade de estar diretamente com alunos e assim podermos refletir sobre nossa profissão de professor de Língua Portuguesa.

Após a conclusão do estágio supervisionado IV, pudemos refletir que este momento nos proporcionou um primeiro contato direto com a escola enquanto instituição, com o professor da turma que muito contribuiu para nossa aprendizagem uma vez que estávamos pela primeira vez ministrando aulas de língua para alunos do ensino médio, mas também com os alunos que contribuíram para nossa formação. Ressaltamos que nestes encontros, colocamos em “prática” e refletimos um pouco daquilo que nos é repassado na Universidade, isto é, posto em ação os conhecimentos adquiridos, bem como nossas práticas didáticas apreendidas ao longo do curso e que o estágio nos proporcionou esse momento para que possamos interagir em sala de aula com os discentes de forma interacionista, ou seja, a interação professor-aluno e aluno-professor.

Logicamente encontramos muitas dificuldades, empecilhos que alguma das vezes sugeriu o pensamento da desistência, porém o amor nos fez voltar atrás e ver que tudo são pilares da construção, experiências que nos farão crescer enquanto pessoa e profissional.

Todavia, devemos levar em consideração as nossas práticas e conhecimentos uma vez que somos construtores de novos horizontes para aqueles que almejam alcançar seus objetivos assim como nós alcançamos. Sabemos que a realidade fora da universidade é bem diferente, pois encontramos escolas em más condições, alunos desmotivados, evasivos, agressivos dentre tantos outros obstáculos, porém devemos saber como lidar com essa clientela, uma vez eles necessitam de ajuda. Também percebemos a necessidade de aperfeiçoamento e formação por parte do professor, a fim de que ele convença seus alunos de que estudar a língua materna é primordial se ele quer ascender profissionalmente num futuro próximo. Vale frisar que quando existe professor em constante aperfeiçoamento como também se deve ter conteúdos atualizados, caso contrário percebem-se repetições de conteúdos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos que nossas intervenções em sala de aula foram muito boas e gratificantes, uma vez que, de forma direta e indireta, contribuímos para o futuro daqueles alunos ao que intervimos e que por sinal estavam concluindo o 3º ano do Ensino Médio.

Em linhas gerais, consideramos que o mais importante nesta etapa foi o fato de atuarmos no processo de ensinar, compartilhar nossos conhecimentos e aprender com os alunos os mais diversos ensinamentos, pois compreendemos que ensinar é nada mais do que uma troca de conhecimento.

Entendemos que o professor virtuoso passa a ser aquele que está convicto do poder transformador do ensino e que procura fazer com que seu aluno encontre o seu caminho, o seu futuro, isto é, o sucesso daqueles que sonham em um dia alcançar a plenitude de seus objetivos.

Portanto, percebemos que as aulas de língua portuguesa durante o estágio foram um verdadeiro aprendizado para nossa prática docente. Desta forma, aprendemos na prática o que nos foi repassado durante vários semestres dentro das salas de aula da universidade bem como pudemos ainda aprender que há uma distância entre o que é idealizado e o que é posto em prática, mas tudo isso se deve ao nosso esforço para pudermos repassar aos nossos alunos. Dessa forma, mostrando que por considerarmos a escrita da língua um processo, deve-se exigir na produção primeira um trabalho de reescrita do texto.

#### ABSTRACT

This article aims to report / present the experience in curriculum component Internship IV from UEPB (Paraíba State University) in order to reflect on the importance of practical education and the implications of the internship in the classroom context as well as on the issue existing among the concepts of textual type and textual genre worked in Portuguese Lessons. In this perspective, our teaching practice was developed at the 3rd grade class "B" at E.E.E.F.M Alvaro de Queiroz Gaudêncio, in the city of Campina Grande-PB in the year 2014. In support of arguments put here, we rely on the theoretical contributions developed by SILVA (2012) Bezerra (2012), Romero (2007), PCNEM (2000).

**Keywords:** Language, teaching practice, genre, textual typology.

## 5. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

BEZERRA, M, A; REINALDO. M, A. *Análise linguística: afinal a que se refere?* São Paulo, Cortez, 2013, p. 38.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Media e Tecnológica. Conhecimento de Língua Portuguesa. In: *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília Ministério da Educação, 2000, p. 15-24.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Media e Tecnológica. Conhecimento de Língua Portuguesa. In: *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília Ministério da Educação, p. 55-92.

ROMERO, S. R.T. *Linguagem e memória no construir de futuros professores de inglês*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/07.pdf> acesso em: 20.04.2015

SILVA, W. R. Práticas escolares de leitura em estágio supervisionado: por uma formação crítica do professor. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PETRONI, Maria Rosa. (orgs.). *Formação inicial e continuada de professores: o múltiplo e o complexo das práticas educativas*. Dourados: Ed. UFGD, 2012, p. 135 – 166.

SOARES, Magda. In: *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: <http://www.edrev.info/reviews/revp57.pdf> acesso em 05/12/0215.